



CONTRACONTROLE

De Fernanda Dalosso

Peça escrita durante a Oficina Regular
do Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná,/ Regional Maringá,
sob orientação de Marcelo Bourscheid,
no 2º semestre de 2011.

Personagens:

Homem

Mulher1

Mulher2

(MULHER 1 E MULHER 2 ENTRAM UMA DE FRENTE À OUTRA)

M2- Passava cuidadosamente pelos corpos. A coberta se arrastava pelo chão e sadicamente ameaçava descobrir o rosto de algum deles. Estes de que só se poderiam visualizar os pés.

H- (EM OFF) - Não se preocupe! Isso é perfeitamente normal, perfeitamente normal...

M1- A voz parecia serena e convicta quanto ao que dizia. Continuava sua caminhada pela longa estrada repleta de corpos estendidos. Continuava sua caminhada pelos ladrilhos de seu quarto repleto de corpos estendidos. Chegou à janela. Acordei.

M2- Acordou? Mas já?

M1- Tenho que trabalhar! As chaves, onde estão as chaves?

M2- Estava bom lá, não estava?

M1- Aquelas pessoas... Não! Dizem que isso não é bom sinal...

(M2 SAI)

M1- E nem é bom dar importância para esse tipo de coisa...

M1 (OLHA PARA A MESA QUE ESTÁ A SUA FRENTE E PEGA UM JORNAL. LÊ) “Ao abrir os olhos, logo percebeu que o dia seria ensolarado. Ensolarado após a longa caminhada que a deixara intrigada. Saiu de casa. Os carros passavam. Olhou para as velhas da calçada e pensou em sua antiga hipocondria. Sentiu-se envergonhada de si mesma”. (SEGURA FORTEMENTE O JORNAL). Homem entra.

H - (ENTRA). Outra mulher entra.

M2 - (ENTRA). Todos em volta da mesa.

H – Vamos acabar com isso logo.

M2- Esta mulher então, acusada por ser a responsável por uma chacina. Depois de tanto tempo em vivência anestesiada, resolve acabar com todos de forma cruel e ainda tem a coragem de fazer essa cara de vítima e desorientada.

M1- As coisas já não são como antes...

M2- Isso não significa que eram boas!

H- É, são boas na memória, na hora não se vive nada. Tudo é perdido na objetividade do cotidiano, quando se tem de correr atrás de um ônibus, pagar contas atrasadas. Mas na memória, as coisas boas se tornam legitimamente boas. Você não acha?

M2 (SUSSURRA PARA M1): Concordo.

M1- Concordo.

M2 – Mas penso que talvez não pudéssemos poupá-la de certas ações, estas parecem inalcançáveis.

H- Não tenho opinião formada a respeito. Mas considero que isso tenha alguma periculosidade para com a sociedade. A forma como esta mulher vem agindo me deixa realmente muito assustado. E ainda agora que envolvem vidas! E eu diante de tudo isso, eu que tenho tido tanto zelo.

M1 (LEVANTA-SE BRUSCAMENTE E É CONTIDA PELOS DOIS, FICA NO CHÃO).

M2- É melhor manter a calma.

M1- Tudo está tão distante.

M2 – (CALMAMENTE DEBRUÇA-SE SOBRE M1)

M1 - (PUXA M2 PELOS CABELOS) Me solta! Me solta!

M2- Surto.

M1- Estou morrendo.

M2- Não.

M1- Estou morrendo.

M2- Não está.

H – (DE BRAÇOS CRUZADOS OBSERVANDO-AS). Vejo que a senhora tem certa dificuldade em lidar com as regras. Não sei se terei tanta paciência, e...

M2- Não! Saia daqui! Deixe-nos em paz, em silêncio, não vê que está morrendo?

H- Eu não sei se...

M2- Ela está morrendo.

M1-Fui eu.

M2 e H- O que?

M1- Fui eu quem os matei.

M2- Então todas aquelas pessoas...

M1- Sim.

H- (BATE PALMAS) Finalmente! Já pensava que teria de intervir de forma violenta, estava aflito. Mas justamente essa senhora confessa.

M1- Eu não queria, mas...

M2- Mas o que? Não vê que não pode? Não podemos, não temos essa liberdade!

H- (DIZ PARA M2) Estou estupefato! Vai mudar de lado? Esqueceu-se das regras? Vai arcar com as consequências?

M2- (ARRASTA M1, SEGURA SUA CABEÇA) Essa sua audácia, esses pensamentos...

M1 – Estava cansada deles, são traidores...

M2 – Não há justificativa

M1 – Foi impulsivo

H- Quem são eles?

M1- Não os vi. Não quis ver...

M2 e H (RIEM)

H- Você tinha a intenção.

M1- Não!

M2- Cínica!

(TODOS SAEM)

M1- (VOLTA E PEGA NOVAMENTE UM JORNAL QUE ESTÁ SOBRE A MESA, LÊ): “Ficou por ali mesmo por algum tempo, no chão, no escuro, observando o local e pensando de que forma obteria alívio imediato.”

M2- (VOLTA). Não há mais tempo, me desculpe. Você não foi uma menina bem comportada e vai pagar pelos excessos. Há perigo lá fora, e você sabe que não deve se arriscar.

H (EM OFF) – Não deve se arriscar!

M1 (AMASSA O JORNAL).

M1- Sei que será doloroso, não gostaria de me afastar de você. De qualquer forma suspeito que algo persista.

M2- Como uma extensão.

M1- Como uma extensão...Dói saber que ainda encontrarei todos intactos. Que estão do jeito que os deixei. Na realidade, não teria coragem.

M2- Eu sei, não teria coragem.

M1- Talvez eu saiba quem sejam.

M2- Deve saber... Traidores. Lembra-se?

M1- Como posso me despedir de você?

M2- Suas chaves.

M1- Tenho dificuldade com despedidas.

M2(COLOCA AS CHAVES NA MÃO DE M1).

M1- Tenho dificuldade com despedidas.

M2- (IRÔNICA) Sei que para outras situações não há dificuldades, há prazer...

M1- Não tive culpa, não tenho culpa dos meus desejos.

M2- Entendo, mas não posso ser condizente com isso. Preciso te fazer mal, sentir-se mal, culpada. É por isso que estou aqui. Culpada! Ah...se todos soubessem, seria um belo espetáculo, não?

M1- Não! Isso é meu, somente meu.

H- (VOLTA). Será que não aprende?

(OLHA PARA M2 E SORRI, OS DOIS SAEM)

M1- Passava cuidadosamente pelos corpos. A coberta se arrastava pelo chão e sadicamente ameaçava descobrir o rosto de algum deles. Estes de que só se poderiam visualizar os pés. Não se preocupe! Isso é perfeitamente normal..
Todos continuam em seus devidos lugares. Intactos...

ATENÇÃO

O acervo disponível para consulta neste site é composto de obras desenvolvidas pelos alunos do Núcleo de Dramaturgia do SESI/PR, e foram disponibilizadas tão somente para fins educacionais. Desta forma, é vedado ao usuário ou qualquer outra pessoa que tenha acesso ao conteúdo deste site, copiar, modificar, transferir, sublicenciar, vender, ou de qualquer forma, colocar à disposição de terceiros, sem autorização do detentor dos direitos autorais.

Contato da autora: Fernanda Dalosso

Email: fernandadjd@hotmail.com